

ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS

(Mc 14,17-21)

Pe. César Teixeira

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar o texto de Marcos 14,17-21, intitulado "Anúncio da Traição de Judas". Veremos que o anúncio proclamado por Jesus expressa um dinamismo social, com aspectos conflitivos, reproduzidos na traição realizada por Judas. Tal atitude vai contra a ação de Jesus e os comensais. Ao mesmo tempo, este anúncio expressa a importância da refeição e do Filho do Homem como uma nova proposta, capaz de superar os conflitos.

I — COMO O TEXTO FOI ORGANIZADO

No versículo introdutório, Marcos refere-se à chegada de Jesus junto com os Doze. O nome de Judas não é mencionado em Mc 14,17-21, nem tampouco em Lc 22,21-23. Tudo é concentrado no acontecimento da traição praticada por um dos Doze, aquele que come com Jesus.

O anúncio da traição "Em verdade vos digo: um entre vós me trairá", é idêntico em Mt 26,21; Mc 14,18; Jo 13,21 (em Jo encontra-se a usual duplicação de *amén*). Somente em Marcos se encontra a continuação do anúncio na locução "aquele que come comigo" baseada no Sl 41,10. É uma locução para sublinhar que se trata daquele que come com Jesus, que celebra neste momento com ele a ceia pascal.

A pergunta breve, quase sem respiro, feita pelos Doze, um após outro (v. 19), é dirigida a Jesus, o qual não responde à pergunta dos discípulos, mas retorna, com uma formulação um pouco diferente (v. 20), à parte central do anúncio, isto é, à caracterização do traidor, sublinhada pela estreita comunhão do traidor com Jesus.

Marcos não identifica o traidor, mas insiste em caracterizá-lo: trata-se de um membro do grupo,

mais próximo de Jesus, e daquele que come com ele. A perversidade da traição é sublinhada no v. 21, onde Jesus dirige o "Ai" àquele homem, "pelo qual o Filho do Homem é traído". Não há reação dos discípulos, tudo é centralizado na palavra de Jesus: "entregará".

Marcos não é um simples copiadador. Organiza o material de suas fontes,¹ em função de temas bem determinados, não hesitando, eventualmente, completá-los para destacar os temas privilegiados.²

Tal organização percebe-se perfeitamente, na perícopes em estudo, na utilização de material proveniente de fontes diferentes: Marcos ora repete uma expressão provinda de uma outra fonte, ora junta um versículo de redação própria para melhor ligar duas passagens de origens diferentes.

v. 18b	um	entre	vós	me trairá	aquele que	come	comigo
v. 20b	um	dos	Doze		aquele que	coloca a mão na mesma travessa	comigo

A partir de sua fonte principal, o v. 18, Marcos faz a fusão com o v. 20 do seguinte modo:

- a) Ele acrescenta o numeral "doze".
- b) Suprime o verbo "come" para tornar o texto mais realista.

As fontes que Marcos utiliza se encontram nos vv. 18, 20 e 21. A sua fonte principal (v. 18), é de origem grega, datada aproximadamente em torno do ano 50 dC. A fonte mais antiga, o v. 20, é de origem palestinese e escrita através dos meios judeo-cristãos. Encontramos no v. 21 a chamada fonte "Q", porém sua utilização vem de Mateus. O v. 19 é característico de Marcos e serve de ligação entre as duas narrações. O verbo *ercsanto* (começaram) comum nos textos de Marcos, comprova isto. Podemos provar a existência de algumas destas fontes, em Marcos, através da ocorrência de paralelos, duplicatas e na fusão dos textos.³ Tal ocorrência encontra-se entre os vv. 18b e 20b:

c) Suprime igualmente "me trairá" (para atenuar o efeito da duplicação entre os vv. 18 e 20).

Com os materiais recolhidos das fontes, a narração de Marcos recebe consistência a partir da forma como é apresentada. No v. 18 Jesus

começa anunciando que um dos seus discípulos vai traí-lo; entristecidos, os discípulos o interrogam, um após outro: "Seria eu?" (v. 19). Em princípio, a segunda palavra de Jesus (v. 20) deveria responder a esta questão; de fato, ele se contenta em retomar, sob uma forma diferente, o conteúdo da primeira.⁴

A locução: "aquele que põe a mão comigo na mesma travessa" (v. 20b), é substituída por uma forma mais elegante no v. 18b: "aquele que come comigo". Para tornar mais solene a palavra de Jesus, recebe a forma comum no v. 18a: "Em verdade eu vos digo".⁵ O relato termina com uma sentença sobre o Filho do Homem que "se vai", e com um "Ai"⁶ pelo traidor, culminando com a declaração de que seria melhor não ter nascido (v. 21). É uma forma de "exclamación de lamento y de advertência".⁷ Podemos qualificar esta forma de oráculo profético posto em cena, estruturada do seguinte modo:

- a) "anúncio de um sucesso
- b) lamentação contra aquele que põe em marcha o acontecimento.

c) anúncio do castigo".⁸

II — PARA QUE MARCOS ORGANIZOU O TEXTO?

Percebemos que a organização do texto que Marcos tem um conteúdo, trabalhado a partir de suas fontes, que por sua vez receberam formas bem definidas. Marcos quer dar continuidade à história da paixão de Jesus, uma vez que esta perícopes está inserida no quadro da Paixão.

Marcos considera não apenas o conjunto dos acontecimentos da paixão do Filho do Homem, mas também um fato concreto: a sua entrega aos inimigos por parte de Judas, um dos Doze. Este fato recebe agora conotações, que podemos classificar dentro do seu caráter específico, ou seja, o caráter histórico, teológico e cristológico.

Historicamente, aconteceu uma traição. Podemos verificar este fato nos vv. 10-11. Verificamos o mesmo fato histórico no anúncio da traição a partir da palavra "entregará" (v. 18). Tal palavra saiu provavelmente da boca de Jesus. Isto se confirma por meio de um recurso literário usado no texto, o qual é chamado de "egó enfático".⁹ Sabe-se que o egó

1. Cf. BENOIT, P., BOISMARD, M. E. *Synopse des Quatre Evangiles en Français avec parallèles des Apocryphes et des Péres*, Tome II Textes, (Paris: Cerf 1965) 18.
 2. Cf. LOHSE, Eduard, *Introdução ao Novo Testamento*, tradução de Werner Fuchs (S. Paulo: Sinodal 1974) 140.
 3. Cf. BENOIT-BOISMARD, *Synopse* pp. 17-19.22.49.51.53.378/9.

4. Cf. BENOIT-BOISMARD, *Synopse* pp. 378-379.
 5. Cf. BENOIT-BOISMARD, *Synopse* p. 378.
 6. Cf. PESCH, *Il Vangelo* p. 521.
 7. Cf. J., *El Evangelio Segun San Marcos*, Mc 8,27-16,20, II (Salamanca: Siegueme 1986) 275.
 8. Cf. GNILKA, *El Evangelio* p. 276.
 9. Cf. JEREMIAS, Joaquim, *Teologia do Novo Testamento* (S. Paulo: Paulinas 1980) 380-386. "Segundo o autor, o egó enfático expressa a consciência que tinha Jesus a respeito da sua soberania. Mais do que um pronunciamento dos escribas, ele pretende ser o próprio poder de Deus para dar anistia e legislar na exigência da total doação".

é enfático quando a frase começa por: "Em verdade eu vos digo..."

A palavra de Jesus foi dita no momento da refeição, quando Jesus e os "Doze"¹⁰ comiam na travessa comum. Historicamente podemos constatar esta prática, pois era um costume conhecido do oriente: as comidas eram servidas numa só travessa e os convivas, em círculo em torno da travessa comum, comiam pegando com os dedos as comidas da travessa.¹¹

"O episódio do anúncio da traição se desenvolve durante o banquete pascal e mais precisamente durante a primeira apresentação¹² de comida contida em um recipiente. Por ocasião deste banquete os comensais deviam estar recostados em torno à mesa, e não sentados como para um jantar comum: no banquete pascal a posição acomodada, símbolo de liberdade, era uma obrigação ritual. Este rito era obrigatório para todos, inclusive para o mais pobre em Israel".¹³

A característica teológica baseia-se no grave acontecimento da traição que deve ser refletida no momento da refeição de mesa. A finalidade desta reflexão é fazer com que todos se sintam correspon-

sáveis, não se deixando cair o peso do acontecimento somente sob a responsabilidade de Judas. O conteúdo da reflexão consiste no fato de que, aquele que vai entregar Jesus aos seus inimigos é um membro do grupo dos Doze, escolhido anteriormente e partilha do mesmo prato.¹⁴ Jesus quer somente dizer que um de seus familiares, um destes com quem ele tem o hábito de tomar suas refeições, vai traí-lo.¹⁵

Este quadro teológico tem como pano de fundo o futuro de Jesus, isto é o quadro da paixão como um todo. Por isso, o caráter teológico não se preocupa em detalhar as particularidades da traição.¹⁶

A cristologia destaca Jesus, o Filho do Homem, indo para a morte. É uma ida voluntária para a morte, que se configura como um ato majestoso. Este destino de morte é vontade de Deus conforme está escrito nas Escrituras.¹⁷ Tal morte contrasta com outra provocada por homens ímpios e conscientes.¹⁸

III — O CONTEXTO SOCIAL E A DINÂMICA CONFLITIVA

Conforme vimos anteriormente, os vv. 18 e 20 permitem caracterizar historicamente fatos acon-

tecidos, costumes, ações e personagens. É com base nestes elementos que a seguir ampliaremos a compreensão do contexto social no tempo de Jesus, a partir de dados econômicos, sociais, políti-

cos e ideológicos. Quanto ao aspecto conflitivo levamos em conta, a realidade do modo de produção da época e o círculo de Jesus com os Doze na mesa de refeição.

1 — O Conflito a partir dos dados econômicos

travessa	comer	recostados à mesa	coloca a mão na mesma travessa
----------	-------	-------------------	--------------------------------

Na lista dos materiais recolhidos do texto de Marcos, além de outros, temos a comida. Esta revela o que existe de mais elementar para a sobrevivência humana. Um meio necessário de sustentação da vida (*Psyké*). Ter alguma coisa para comer significa uma das maiores urgências que diz respeito ao homem.¹⁹ O modo de suprir esta necessidade vital vai no decorrer da história tomando diversas formas, desde o comer no chão até o comer à mesa. O termo mesa, em grego *Trápeza*, corresponde ao hebraico *shulehan*. Originalmente seu significado expressa esteira, paninho de mesa, bandeja ou couro. Usava-se o chão para a refeição. Em seguida recebe o sentido de lugar de refeição, comida etc. Em Mc 14,20 a mesa, além de ser um lugar de refeição, é também a "mesa de companheirismo".²⁰ Outro costume que evoluiu foi o de reclinar-se à mesa, comum no tempo de Jesus,²¹ cujo significado expressava a liberdade do povo de Israel.

A comida à qual o texto se refere, é a servida na ceia pascal (cf. *esthio*). Especificamente comia-se pão e *harôset*, que continha vinho, vinagre e frutas, formando a "massa ritual".²² Eram frutos do trabalho do homem que trabalhava a terra e obtinha os produtos necessários para seu sustento. Assim, um produto como, por exemplo, o pão, representa a própria

19. Cf. BEHM, Johannes, Art. "esthio" *Theological Dictionary of the New Testament*, Editor Kittel, G., (Grand Rapids, Michigan: M.W.B. Eerdmans Publishing Company 1982) 689-695.

20. Cf. GOPPETT, L., Art. "keimai" *Theological Dictionary of the New Testament*, Editores Kittel, G. e Friedrich G. (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans 1980) 209.212.

21. Cf. FRIEDRICH, Büchsel R., Art. *keimai* *Theological* p. 654

22. Cf. JEREMIAS, Joaquim, *Jerusalém no Tempo de Jesus* (S. Paulo: Paulinas 1983) 61-68.

10. Cf. PESCH, *Il Vangelo de Marcos* p. 515.

11. Cf. BENOIT-BOISMARD, *Synopse* p. 378.

12. Cf. PESCH, *Il Vangelo* p. 517.

13. Cf. PESCH, *Il Vangelo* p. 516.

14. Cf. STOCK, P., *Racconto della Passione nei Vangeli Sinottici*, (Roma: Ed. PIB 1989) 64.

15. Cf. GNILKA, *El Evangelio* p. 280.

16. Cf. GNILKA, *El Evangelio* p. 279.

17. Cf. GNILKA, *El Evangelio* p. 280.

18. Cf. PESCH, *Il Vangelo* p. 523.

dignidade do homem, conquistada através do seu trabalho.²³

1.1 — Os meios de circulação dos produtos

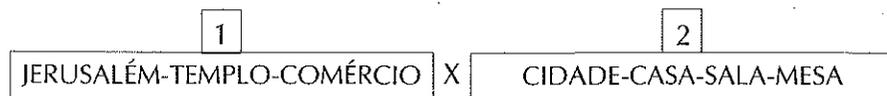
A circulação dos produtos era feita por meio da troca, nas aldeias,²⁴ enquanto nas cidades, principalmente nos grandes centros era basicamente através do comércio. O dinamismo compra e venda era estabelecido pelo dinheiro.²⁵ Este, por sua vez, estava concentrado em torno dos que possuíam grandes capitais e principalmente do Estado e do Templo, que juntos exerciam o papel de grandes centros de poder e dominação econômica.²⁶

Nesta perspectiva, os produtos pão, mesa, travessa e comida, envolviam todo este processo de tra-

balho, que iam revelando a vida cotidiana. O camponês trabalhava a terra, e com o trigo o padeiro fazia o pão. O oleiro trabalhava a cerâmica²⁷ e produzia a travessa;²⁸ o mesmo acontecia com a madeira, que possibilitava ao marceneiro a fabricação da mesa.

1.2 — O dinheiro: causa de conflitos econômicos

Percebemos que o dinheiro, no evangelho de Marcos, é a ameaça trazida através de Judas para a mesa de refeição. Tal ameaça se registra dentro da oposição entre as seqüências ao redor do Templo (Mc 11, 13) e as de Mc 14, 12-16, e em torno da ceia pascal. Destas duas seqüências, podemos constituir os seguintes gráficos:²⁹



23. Cf. DUSSEL, Enrique, *O Pão da Celebração: Signo Comunitário de Justiça*, Concilium 172 (São Paulo: Vozes 1982/2) 76.89. "No Mediterrâneo, a cultura do 'pão' é a realidade e o símbolo do produto do trabalho do homem. Isto é, ele é fruto primordial da relação homem-natureza. Esta relação se estabelece na ordem produtiva (o ordo dos factibilia), a que se refere a oração do ofertório da Missa católica: te oferecemos este 'pão fruto da terra e do trabalho do homem'. Vemos então os três termos: terra, trabalho; pão (...). O pão é um produto, é aquilo que 'avança' (pro-) diante da vista como um fenômeno no mundo. É criação humana; é continuação da criação divina. É exteriorização da terra. É cultura, técnica, tecnologia. São os produtos que nos rodeiam como sistema, como civilização. De todas as maneiras, esse 'pão' é fruto de algo mais digno que o próprio pão: o trabalho".

24. HOUTART, François, *Religião e Modo de Produção Pré-Capitalistas* (São Paulo: Paulinas 1982) 206.

25. Cf. JEREMIAS, *Jerusalém*, pp. 48-50.

26. Cf. HOUTART, *Religião* pp. 206-207.

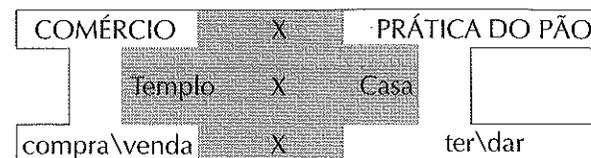
27. Cf. JEREMIAS, *Jerusalém* p. 74.

28. Cf. BORN, A. Van Den, Art. *Taça*, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (São Paulo: Paulinas 1977) 1467.

29. Cf. BELO, Fernando, *Leitura Materialiste de L'évangile de Marc*, (Paris: Cerf 1975) 282.

A primeira seqüência, é o espaço onde opera o poder dominante com a economia do Templo. A segunda, Jesus e os Doze, substituem o Tem-

plo por uma casa anônima, onde propõem uma economia de partilha do pão.³⁰ O deslocamento do campo conduz para as seguintes oposições:



Portanto, na mesa da refeição está o sinal de duas economias que se opõem. A economia baseada no valor de troca, cujo mecanismo é o dinheiro, representado por Judas, onde o elemento ratificador da negociação entre Judas e os chefes dos sacerdotes era o dinheiro (Mc

14, 11). Por outro lado, a economia sustentada nos princípios da partilha representada por Jesus e os Doze, partilhando o pão e comendo na travessa comum na mesa de refeição, numa casa³¹ anônima.

2 — O Conflito a partir dos grupos da mesa

GRUPOS DA MESA	JESUS OS DOZE	X	UM DE VÓS (JUDAS)
PRÁTICA DOS GRUPOS	PARTILHA	X	TRAIÇÃO
RELACIONAMENTO DOS GRUPOS	INTIMIDADE COMUNHÃO	X	SATÂNICO (Jo 13,27)

30. Cf. BELO, Fernando, *Uma Leitura Política do Evangelho* (Lisboa: Multinova 1974) 75.

31. Cf. ELLIOT, John H., *Um Lar Para Quem Não Tem Casa* (São Paulo: Paulinas 1985) 170-171.176. "O uso predominante de oikia e oikos em o Novo Testamento encontra-se, porém, na narração do ponto de partida e ponto focal do 'movimento de Jesus' (para usar na expressão de Theissen) e subsequente movimento dos crentes, Oikia, no sentido literal de 'casa' ou 'edifício', denota o lugar onde se originaram e se desenvolveram o ministério de Jesus e a missão cristã. Oikos denota um grupo de pessoas, a casa ou família, como também o domicílio onde essas pessoas vivem; ou seja, é a comunidade social de base, à qual se endereçava a mensagem salvífica. Assim, as casas ou famílias constituíam o focus, locus ou nucleus do ministério e missão do movimento cristão. Em suas várias capacitações de ordem social, econômica e religiosa, a casa ou família servia ao movimento tanto como ocasião como também de organização, mobilização e proclamação. O respeito pela solidariedade social e religiosa da casa/família manifestava a consciência comunitária do novo movimento".

2.1 — Os grupos que compõem a comunidade de Jesus

Na mesa, estão presentes Jesus e o grupo que ele constituiu, e sobre o qual colocou o nome de "Doze". Este numeral "Doze" tanto no AT como no tempo de Jesus, simbolizava duas dimensões fundamentais do povo: "unidade e totalidade". Entretanto, o grupo dos Doze não é o único que compõe a grande comunidade dos seguidores de Jesus. Ela é composta por dois grupos, os quais Marcos vai indicar de várias maneiras. O primeiro, procedente do Israel institucional, é chamado de "discípulos", que mais tarde constituem, sob o símbolo de "os Doze", o Israel messiânico. O segundo grupo é chamado multidão. É composto pelos que não são originários do Israel institucional, quer seja judeu de raça ou não e nem tampouco recebem o nome de discípulo ou compõem o Israel messiânico. Com esta designação Marcos segue sublinhando o êxito da mensagem de Jesus entre os não israelitas, em contraste com os israelitas.³²

2.2 — O grupo dos Doze e os subgrupos

No grupo dos Doze, há diversos "subgrupos". O primeiro subgrupo era constituído por três discípulos: Simão, Tiago e João. Jesus colocava um sobrenome a partir

das suas atitudes e comportamentos. A Simão ele pôs o sobrenome de "Pedra" conforme seu caráter obstinado. A Tiago e João, chamou-os de "Filhos do Trovão" e, por ser o trovão símbolo de força e poder, os dois irmãos herdam o "poder" e, portanto, o continuam.

O segundo subgrupo, constituído por oito pessoas, tem como cabeça André e vai até Simão o fanático. São discípulos anônimos, homens sem destaque.

O terceiro subgrupo é formado pelo traidor Judas. O nome Judas está relacionado com os nomes Judéia e Judeu. O primeiro trata-se do lugar onde Jesus foi julgado, e executado. O segundo refere-se ao povo judeu, cuja característica fundamental estava nas práticas de purificação. Esta característica fazia com que o povo judeu se tornasse separado e superior às outras raças.³³

O elemento de contradição no momento da refeição é Judas, o qual reproduz a prática do sistema dominante, insensível à corrupção e à injustiça. Judas, apesar de pertencer ao grupo de Jesus e os doze, era movido pelo medo, o qual certamente não correspondia à mesma proposta deste grupo. Uma vez discípulo de Jesus, o futuro era incerto e ameaçador, colocando em risco as suas ambições.

A mesa vive seu momento de conflito de classes, isto é, de um lado, reflete a prática das massas trabalhadoras que lutavam para obter a abundância em sua mesa, do outro, a contradição da classe dominante impondô um pesado esquema de impostos, não permitindo outra forma de viver (como é o caso da economia de partilha aqui representada pela mesa de

refeição onde Jesus e os Doze se encontram) impossibilitando aos que estão à margem da sociedade ter os alimentos necessários para a sua mesa de refeição. Em outras palavras, eram privados do direito de conduzir a vida e de participar no processo de escolha e decisão na produção, na economia e na política.

3 — A Realidade política da mesa

JESUS	PRESIDE	A MESA
ELE QUESTIONA O GRUPO:	UM DE VÓS	(CONFRONTO)
ELE ANUNCIA A TRAIÇÃO:	ME ENTREGARÁ	(DENÚNCIA)
ELE SITUA O TRAIADOR:	AQUELE QUE COME COMIGO	(CONFLITO)

Na mesa, é costume as pessoas se colocarem umas próximas das outras. Isto é tão evidente quanto o fato de ser a comida uma necessidade de todos, no sentido de que para sobreviver é necessário comer.

Ora, comer é uma "necessidade vital", inerente à própria estrutura do homem, enquanto comer com outras pessoas, à mesa, representa uma necessidade não somente em nível da sobrevivência da espécie, como também, em nível

da sobrevivência da pessoa enquanto ser-de-relação e ser político. A esta realidade, chamamos de "necessidades sociais",³⁴ que dependem e são determinadas pelo modo de produção de uma sociedade.

As necessidades sociais criadas pelo modo de produção tributário e escravagista na Palestina no tempo de Jesus permitiam que existisse para uns uma mesa farta e para outros não, e que houvesse várias classes sociais.³⁵

32. Cf. MATEOS, Juan, *Los "Doce" y Otros Seguidores de Jesus en el Evangelio de Marcos* (Madrid: Cristiandad 1982) 49.250.

33. Cf. MATEOS, *Los "Doce"* pp. 250ss.

34. Cf. FREIRE, *O Trabalho a Mercadoria*, coleção Brasil dos trabalhadores 2, CEDEC (São Paulo: Loyola 1980) 67.

35. Cf. HOURTART, *Religião* p. 209. "A formação social de Israel na época de Jesus apresentava um sistema social relativamente complexo, constituído por um sistema de classes sociais típico do modo de produção tributária: além do Estado-classe e sua estratificação interna, a persistência de formas de relação tribais. Mas outros elementos também intervinham, juntamente com esses, para a determinação de grupos sociais de múltiplas facetas: origem étnica e os tabus religiosos".

Frente a esta desigualdade social, podemos verificar vários movimentos de resistência. Apontamos o movimento dos Sicários,³⁶ dos Zelotas,³⁷ dos Essênios,³⁸ de João Batista³⁹ e o de Jesus, que aqui especificamos como o "movimento de mesa dos que partilham",⁴⁰ cuja política era de uma realização fraternal.

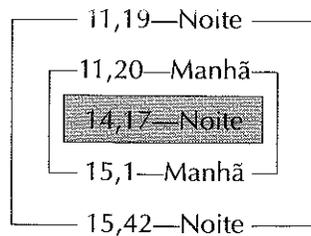
3.1 — O movimento de mesa na estratégia política

O movimento de mesa mantém uma organização tanto interna como externa. No primeiro caso,

a política estabelecida, perpassa por todos os níveis sociais, a partir da partilha, justiça e fraternidade, gerando entre as pessoas uma profunda intimidade. No segundo caso, a política é estabelecida por um plano "secreto e oculto", acobertando-se na calada da noite⁴¹ e nos lugarejos (no caso Betânia),⁴² defendendo-se dos inimigos.

No evangelho de Marcos percebemos o secreto e o oculto a partir do capítulo 11, nas seguintes seqüências:

a) seqüência cronológica: noite-manhã



36. Cf. JOSSA, G., Art. *Política*, Nuovo Dizionario di Teologia Bíblica (Milano: Paoline 1988) 1180.

37. Cf. BELO, *Uma Leitura* p. 62.

38. Cf. JEREMIAS, *Jerusalém* p. 350 Cf. também MORIN, E., *Jesus* pp. 113-114.

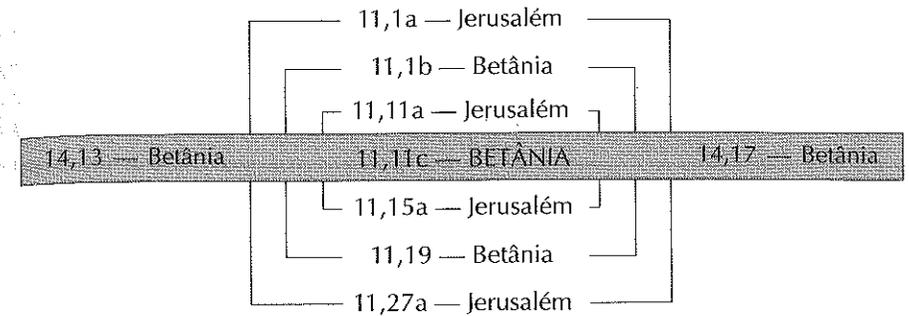
39. Cf. KONZEN, Léo Zeno, *João Batista e sua Relação com o Movimento de Jesus, a partir de Mc 1,1-15*. Tese de mestrado (São Paulo: F.T.N.S.A. 1990) p. 61.

40. Cf. BELO, *Uma Leitura* p. 96. "En resumen, aquí está la esperanza: este movimiento de la mesa de los que comparten que se extiende internacionalmente, a la busca de la realización efetivamente política de una fraternidad eufórica, festiva, no está tan lejos como se piensa del "proletarios de todos los países, uníos!"

41. Cf. MYERS, Ched., *Binding the Strong Mas: A Political Reading of Mark's Story of Jesus* (Maryknoll: Orbis 1988) 357-358.

42. Cf. BORN, A. Van, *Betânia*, in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (São Paulo: Vozes 1977) 176.

b) seqüência topográfica: trajetória Betânia-cidade (Jerusalém)



Jesus evita as cidades, deixa-as e parte por outro caminho. Anda clandestinamente, mesmo em países vizinhos. Isto é justificado pela estratégia dos inimigos que querem eliminá-lo. Esta estratégia de clandestinidade, Jesus a usa para deles escapar.⁴³

No anúncio da traição de Judas podemos perceber, que a política se dispõe dentro de três categorias fundamentais: o confronto (um de vós), o conflito (que come comigo) e a denúncia (me trairá).

O Confronto

Jesus e os Doze estão frente a frente com a traição, que é a indi-

cação do esconderijo aos "soldados policiais".⁴⁴ Queriam entregar Jesus colocando preço à sua cabeça (Mc 14,11). É um confronto político porque a entrega não é fruto do acaso nem de forças divinas ou extra-terrenas, mas "um de vós que come comigo", portanto é desejo humano, isto é, fruto de uma trama de Judas com o poder dominante.⁴⁵

O Conflito

O confronto é conflitivo, porque trata-se de um grupo (Jesus e os Doze, agora onze) que está pondo em cheque o poder dos sacerdotes (Mc 14,1-2) e dos romanos.⁴⁶

43. Cf. BELO, *Lecture* pp. 212-214.

44. Cf. BELO, *Uma Leitura* p. 68.

45. Cf. GALLARD, Carlos Bravo, *Jesus Hombre en Conflicto, El Relato de Marcos en América Latina* (Santander: Sal Terrae, 1986) 225.

46. Cf. THEISSEN, Gerd, *Sociologia do Movimento de Jesus* (S. Leopoldo: Editora Sinodal 1989) 52. "A tensão entre teocracia pretendida e aristocracia factual serviu de solo fértil para movimentos de teocracia radical, em que se polarizava a teocracia de Javé contra seus mediadores aristocráticos e seus aliados, ou seja, contra sacerdotes e romanos. Também o movimento de Jesus foi um desses movimentos de teocracia radical. Proclamava o reino de Deus iminente. E como quer que se explique, este governo de Deus significava o fim de todo outro governo, inclusive o de romanos e sacerdotes. O conflito com eles está bem documentado".

Trata-se de um poder calculista, um poder de morte, do qual Judas compactua. Judas representa o resultado da dominação total, a saber: está econômica, política e ideologicamente dominado, e por isso, entra em conflito com a sua própria classe; em outras palavras, o seu referencial é o dominador: pensa como dominador, e age como dominador, embora seja de fato, um dominado. Judas, portanto, é um dominado que se volta contra a sua classe, e, quem tira os benefícios disso são os chefes dos sacerdotes que conseguem apanhar Jesus.

A Denúncia

Coube a Jesus, como aquele que preside a mesa, anunciar a palavra "entregará". É um anúncio que não

tenta simplesmente neutralizar o conflito existente, isto é, o traidor está à mesa comendo na mesma travessa. Ao contrário, Jesus dá a conhecer duas realidades que se contrapõem: traição e refeição. O anúncio é um questionamento ao grupo de alguém (Judas), cuja ação, tenta impedir a partilha. Por isso, a refeição torna-se também o momento da denúncia da violência que torna impossível uma "comunidade de vida"⁴⁷ baseada na justiça. O que os profetas na antiga Israel não cansavam de denunciar, de acordo com a lei em torno da mesa, da casa e do Templo, em favor da justiça social contra o pecado dos ricos, do culto religioso, dos sacrifícios e do seu Templo.⁴⁸

4 — A refeição como base ideológica

MC 14,20	...QUE COMIA DO MEU PÃO AGIU COM SOBERBA.	SL 41,10
JO 13,30	<i>en de nycsi</i> : A HORA DO LADRÃO.	Ja 24,14
MT 26,25	<i>Meti ego eimi rabbí</i> = SERIA EU UM RABI	IRONIA.
LC 22,3	<i>eiselthen de Satanás eis loudan</i> = ENCARNAÇÃO	SATÂNICA.

O momento da refeição é base ideológica na medida em que revela a contradição produzida por um sistema social injusto. Neste momento, Judas é o sinal da con-

tradição, porque ele, como já verificamos, compactua com o sistema social, cujo modo de produção não visa a partilha, mas o tributo. Esta proposta não condiz com a da

mesa. Assim, temos dois interesses que se contrapõem, um fundamentado na idéia de comer juntos o que chamamos de ideologia da refeição, e outro fundamentado na idéia de trair, que chamamos de ideologia do traidor.

4.1 — Ideologia da refeição

Comer junto na mesma travessa, expressa o sentido de unidade e coesão do grupo que vive a comunhão de mesa, onde todos (Doze) sem exceção podem comer do mesmo pão e na mesma travessa.

Este sentido de unidade e coesão legitima a prática econômica da partilha e a prática política dos interesses comuns, garantindo a sobrevivência. Assim podemos afirmar que a mesa é o lugar de unidade e coesão, como também ao contrário, unidade e coesão, faz a mesa de comunhão.

Na sociedade israelita, esta dimensão era concebida como um relacionamento estável com Deus, uma aliança de fidelidade,⁴⁹ garantida pelo sistema de leis que regulamentava a sociedade, para manter a ordem e afastar a violên-

cia.⁵⁰ Tal sistema é chamado de bênção/maldição, mácula dívida. Também a mesa de refeição era submetida a este sistema de leis.

No tempo de Jesus, conservou-se com grande intensidade o sentido fundamental da refeição e suas regras alimentares. Porém, com o aparecimento de grupos e movimentos de todas as tendências religiosas, a unidade e coesão que a mesa proporcionava nem sempre se colocava como elemento legitimador do sistema de bênção e mácula, como garantia da ordem social.⁵¹

Os fariseus vigiavam escrupulosamente a pureza do alimento devidamente dizimado, de sorte que a mesa comum com os "pecadores" tornava-se impossível (Mc 2,15-17; 7,1s; Jo 13,10). Isto não significa que nestes movimentos a pureza da mesa comum entre fariseus não tinha importância. A refeição não definia os grupos dos fariseus como tais; não constituía um lugar de unidade propriamente dito, era de início o lugar de exclusão dos que refutavam suas regras alimentares e não aderiam aos lugares de consumidores pu-

47. Cf. MATEOS, *Los "Doce"* p. 100. "Cf. nota 155: En Oriente, comunidad de mesa significa comunidad de vida; Cf. Schmid, 64".

48. Cf. BELO, *Leitura* p. 32. "Del mismo modo los profetas procuran constantemente promover el sistema del don/deuda, o sea, la justicia social contra el "pecado" de los ricos, y acusan al sistema de la mancha o sea a la problemática del culto religioso de los sacrificios y de su Templo".

49. Cf. SACCHI, A Art. *Cibo* in Nuovo Dizionário de Teologia Bíblica (Milano: Paoline 1988) 269-282.

50. Cf. BELO, *Uma Leitura* p. 23. "La llamada ley de Dios o Diez mandamientos de los catecismos forma parte del sistema de prohibiciones que existían en la sociedad de Israel, como existen en cualquier sociedad, destinadas a permitir que reine un cierto orden entre la gente, dentre las familias, su objetivo se puede definir así: tratan de evitar en la medida que sea posible una cierta violencia que amenaza con degradar cualquier formación social, llevándola al caos y a la muerte".

51. Cf. SACCHI, Art. *Cibo* pp. 269-282.

ros. No seio próprio do movimento farisaico, as mesas não eram comuns, visto que reconheciam no meio dos membros os degraus de pureza diferentes.⁵²

Os grupos dos essênios, sem falar dos terapeutas, constituíam um movimento muito mais fechado sobre eles mesmos, do que os fariseus, e mais tarde os saduceus. Neste contexto novo a refeição é de grande importância, embora em Qumrã se fale pouco; este é o lugar onde a pureza deve ser meticolosamente guardada, mas parece que tem sido valorizada como tal, em substituição às refeições cultuais do Templo.⁵³

Portanto, a refeição de Jesus e os Doze, não tem como princípio fundamental a pureza ritual que separa as pessoas, mas assegurar como lugar essencial da união, (em grego: *koinonia*) entre os membros do grupo.⁵⁴

4.2 — Ideologia do Traidor

Constatamos o seguinte fato: fazer o mal a uma pessoa com quem se tinha convivido a refeição, era considerado como um crime particularmente detestável

(Sl 41, 10).⁵⁵ Verificamos, também, que Judas não foi o primeiro caso entre amigos que cometem esta ação abominável de trair o outro amigo, e como podemos verificar, o AT nos mostra o exemplo do conselheiro de Davi, Aquitofel e outras advertências que fundamentam as relações entre amigos de confiança.⁵⁶

Por outro lado, chega-se a conclusão que o traidor Judas, não merece outra coisa senão a total repugnância. Assim, quase que se é obrigado a odiá-lo, porque o sagrado, a mesa onde está Jesus, foi profanada por Judas, que também se encontra na mesma mesa. Quando isto acontece, o que se faz, na verdade, é retornar à prática do velho esquema do puro e do impuro, mudando apenas o lugar, isto é, ao invés do Templo temos a mesa.

Assim sendo, o problema é ainda mais complexo, porque Judas não é qualquer um, nem tampouco uma pessoa detestável, pelo contrário, é de confiança, porque come do mesmo pão, é amigo íntimo, porque come na mesma travessa. Com isto, se elimina o ódio, o que também deu possibilidade a Jesus

e todo o grupo, permitir a presença de Judas na mesa, do contrário, o próprio Jesus não esperaria este momento para denunciá-lo. Assim, o substrato ideológico do traidor está assentado na dimensão de amigo íntimo de mesa.

Ora, antes não fosse amigo, mas inimigo e tudo seria mais fácil, pois do inimigo se pode esperar tudo, até mesmo a traição, mas aqui é o amigo que trai, logo amigo e inimigo pode ser considerado no mesmo nível. Temos, portanto, um amigo-inimigo, o que não é compatível nem dentro da esfera da mesa, pois esta exige coesão e unidade, nem tão pouco dentro da esfera dos inimigos, que não querem amizade, mas poder. Logo, Judas não é nem amigo-inimigo dos amigos, nem amigo-inimigo dos inimigos. É desgraçado; de fato, seria melhor se não tivesse nascido.

É prática comum malhar o Judas até destruí-lo, (como se faz todos os anos no sábado de aleluia), mas na verdade, nada se destrói, o que se faz é reforçar a ideologia do

ódio e do amigo-inimigo, que nos impede de ver o mecanismo da refeição de mesa, geradora de amigos íntimos. Se o amigo vai contra o princípio da mesa não é questão de ódio ou inimizade, como vimos também do amigo se pode esperar tudo. A problemática, na verdade, está no círculo do "poder".⁵⁷ Judas está entre dois círculos de poder, o de Jesus, "poder dos que não tem poder" e dos sumos-sacerdotes, "poder dos que tem poder e lutam contra os que não tem poder". Os dois exerceram uma grande tentação e Judas que não estava no poder, caiu na tentação do poder dos que se instalaram no poder.⁵⁸

O poder dominante se apropria do grande tesouro, o amigo, para garantir o seu status. "Ser amigo de César é privilégio. Deve ser pronunciado".⁵⁹ Agora, o elemento de maior legitimação de um sistema que produz amigos de intimidade, é usado para deslegitimar.

O Sl 41,10 traduzimos como: "Também meu amigo, homem de

52. Cf. PERROT, Charles, Art. *Le Repas Du Seigneur*, in *La Maison-Dieu Revue de Pastorale Liturgique* 123 (Paris: 1975) 33-35.

53. Cf. PERROT, Art. *Le Repas* pp. 33-35.

54. Cf. PERROT, C., *Jesus y la História* (Madrid: Cristandad 1982) 141.

55. Cf. SACCHI, Art. *Cibo* p. 269.

56. Cf. Bíblia de Jerusalém. "Sl 41,10 cf. nota 1: O 'amigo' (Lit. 'meu homem de paz') foi por vezes identificado com Aquitofel, conselheiro de Davi (2Sm 15; 17,23 cf. 12,19). Jesus aplicou este texto a Judas (Jo 13,18). Cf. também: 2Sm 15,12; 17,23; 15,31 17,14; Sl. 55, 14-15; Jr 9,3,7; Eclo 6,10; 7,12; 7,18"

57. Cf. HINKELAMMERT, Franz, *As Armas Ideológicas da Morte* (São Paulo: Paulinas 1983) 304. Título original espanhol: *Las Armas Ideológicas de la Muerte*. "... A noção de poder é, evidentemente, chave para a própria análise da pobreza e as possibilidades de superá-la (...) como a possibilidade de fazer algo se chama poder, ambos buscam o poder. O possuidor que não quer compartilhar, busca o poder para não compartilhar. O pobre que quer viver, busca o poder para viver. Ambos perseguem o poder."

58. Cf. HINKELAMMERT, *As Armas* pp. 304-305. "A tentação de aliar-se aos poderes instalados é a dos grandes sacerdotes. Mas há outra mais sutil, a tentação de aliar-se aos poderes contrários que pretendem destronar os primeiros para instalar-se em seu lugar".

59. Cf. PANIMOLLE, Art. *Amore* in *Nuovo Dicionário di Teologia Bíblica* (Milano: Paoline 1988) 35-64.

paz, em quem eu confiava que comia do meu pão agui com soberba,

contra mim arma ciladas".⁶⁰ Podemos constatar os seguintes fatos:

AMIGO	TAMBÉM	INIMIGO
HOMEM DE PAZ	TAMBÉM	SOBERBA
CONFIANÇA	TAMBÉM	CONTRA MIM
PARTILHA DO PÃO	TAMBÉM	ARMA CILADA

Tudo o que legitima o sistema de partilha, legitima agora o sistema de dominação. Mateus, Lucas e João aprofundaram, mais ainda a questão: "Satanás entrou em Judas" (Lc 22,3). Judas é a encarnação do sistema satânico, que ironiza (seria eu Rabi? Mt 26,25) e tem seu momento, que é a "noite": "é noite quando o assassino se levanta para matar o pobre e o indigente. Durante a noite ronda o ladrão" (Jó 24,14; Jo 13,30). Assim como a partilha tem seu momento forte, na hora da refeição, o traidor tem o seu que é "a noite", a hora do ladrão, quando arma ciladas para matar. A ideologia da refeição e do traidor se opõem radicalmente.

5 — A SUPERAÇÃO DO CONFLITO

5.1 — Da prática poderosa de Jesus ao retrocesso

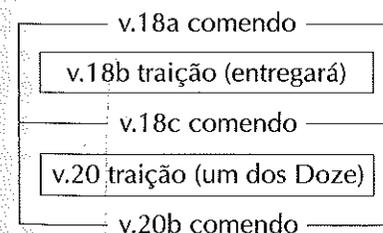
Marcos, no capítulo 8,27, demonstra uma prática poderosa de Jesus. A leitura desta prática chamamos de messiânica ao ser proclamado o Messias através de Pedro.

Em seguida, a partir de 8,27-10,52 começa a narração da subida de Jesus à Jerusalém prosseguindo pelas seqüências 10,52-13,1-37 e 14,3-9.12-16.17.22-26a-16,1-8. Formando outra grande seqüência, a do final da estratégia dos sumos-sacerdotes, escribas e anciãos para a eliminação de Jesus pela sua morte sobre a cruz, temos 14,1-2.10-11.43-53a-15,42-47. A seqüência, 10,52-13,1-37, primeira parte da subida para Jerusalém, assinala o confronto de Jesus contra o Templo e seus ocupantes inimigos. É na segunda parte desta subida, 4,3-9.12-16.17.22-26a, que se estabelece o êxodo em direção aos pagãos o qual se opõe a estratégia dos inimigos 14,1-2.10-11. Tal oposição deveria se prolongar, mas pela traição de Judas um dos Doze, torna-se curta a finalidade desta estratégia. Na seqüência 14,43-53a-15,42-47 temos o retrocesso da estratégia de Jesus, isto é, de uma prática poderosa que o leva a

ser reconhecido como o Messias, o Ungido, o Mestre da mesa, agora é passivo de conspiração, prisão, morte, sepultamento etc. Finalmente no capítulo 16 se estabelece uma nova estratégia pelo anúncio da ressurreição. É do êxito desta estratégia que se estende o bom anúncio proclamado no mundo inteiro. Até Roma, centro do mundo, testemunha a escritura do próprio Marcos. Entre as duas seqüências existe outra em 14,18-21.26b-32a.32b-42. São narrativas de articulação bem trabalhadas pelo discurso teológico e reconhecidas como portadoras de uma "hesitação",⁶¹ isto é, possuem elementos que tornam a prática de Jesus poderosa, e ao mesmo tempo, outros elementos indicam o retrocesso.

5.1.1 — O retrocesso da prática de Jesus no anúncio da traição

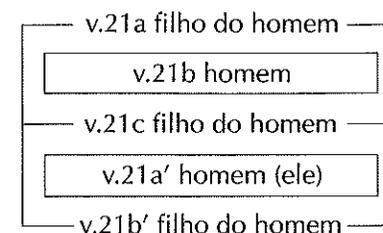
A perícopes em estudo, Mc 14,17-21, indica o retrocesso da prática de Jesus na medida em que relata o fato da traição. Sabemos que este fato de conflitos revela: uma estrutura social, antagonica, provoca crise no grupo dos Doze, leva Jesus à morte e à perseguição aos cristãos em Roma. Tudo isso faz Jesus retroceder na sua estratégia, cuja prática o torna impotente e marginalizado.⁶²



5.1.2 — A superação do retrocesso no anúncio da traição

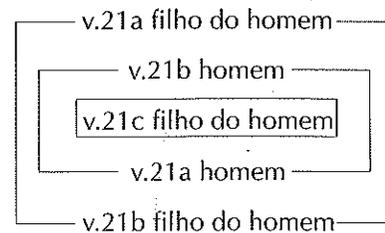
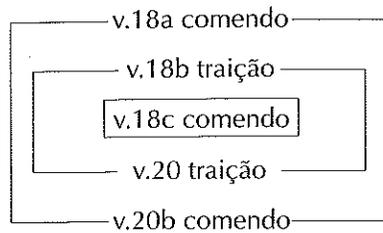
No v. 18 temos a indicação de que o anúncio da traição é proclamado no momento da refeição, onde Jesus se coloca como o Mestre da mesa. Ele é o Filho do homem (v. 19), predestinado aos desígnios de Deus. Ora é aqui que encontramos a força dessa perícopes, pois ela como possuidora de um discurso teológico exerce a função de atenuar o retrocesso do Messias morto sobre a cruz e responde ao "por que" do acontecimento desta morte. Os meios utilizados para causar esse efeito atenuante estão na figura da refeição, e principalmente ao Filho do Homem.

Para entender a superação do retrocesso através da figura da refeição e do Filho do Homem, temos que livrá-las do círculo fechado em que as mesmas se encontram, do contrário limitaremos a prática de Jesus num conflito que teologicamente não mostra a totalidade da novidade desta prática. O círculo fechado se configura na traição X refeição e no homem X Filho do Homem, como podemos perceber nos quadros abaixo:



60. Cf. ZORELL, Franciscus, "gam, shalom, gadal, 'aqev", *Lexicon Hebraicum Veteris Testament* (Romae: PIB 1984) pp. 154/846/143/622.

O verbo *comer*, e a expressão *Filho do Homem*, deixam de ser elementos de conflito e tornam-se agora o núcleo central, sem outros elementos que formem oposições:



Os centros apontados nos quadros acima (cf. v. 18a "comendo" e v. 21c "Filho do Homem"), são chaves de leitura para uma supera-

ção dos conflitos e retrocesso da prática de Jesus. Nesta perspectiva um novo quadro se abre aos nossos olhos:



A refeição, e o *Filho do Homem*, são temas que, à luz da ressurreição, se esclarecem fazendo nascer uma nova prática que orienta, regulariza, transforma, isto é, vai além do conflito. Somente aprofundando estes temas é que veremos o alcance da teologia de Marcos e seu esforço para mostrar na sua atualidade um Cristo sempre presente.

5.2 — A refeição

Para Marcos, a sua apresentação do Cristo às comunidades, é sempre de maneira a causar um novo impacto. Por isso, a palavra do Cristo recebe uma ação continuada, que o faz presente e o atualiza na vida comunitária. Esta atualização é concretizada pelo contexto da comida. Neste sentido, a refeição toma

uma importância decisiva, uma vez que Marcos não fala de Jesus como um acontecimento do passado, pelo contrário, ele está presente no seio da comunidade.⁶³

A refeição tem uma importância fundamental pelo seu sentido religioso. "O comer dá vida e fortalece a alma". Quando se celebra uma comida em forma comunitária, com a família, os parentes ou as partes interessadas numa aliança, opera uma força divina que intensifica a condição necessária para toda vida em comunhão".⁶⁴

No AT a palavra que caracteriza o tema da refeição é, que significa *comer*, embora o termo permita estabelecer várias diferenças a partir do contexto.⁶⁵ No seu aspecto teológico, a comida é um dom de Deus. Esta, ao criar o homem entrega-lhe como alimento todas as ervas e árvores frutíferas (Gn 1,29). O chamado pecado original é praticado mediante um ato de comer, dificultando assim a aquisição de alimento, cabendo ao homem conseqüentemente conseguí-lo a partir do seu próprio esforço (Gn 3,17-19). É Deus que se cumbe de dar ao homem o alimento

necessário para a sua saciedade (Sl 104,27; Dt 12,15s; 32,13; Os 11,4; Ecl 2,24; 3,13). YHWH, o Deus da aliança, dá comida ao seu povo no deserto (Ex 16,4ss), sendo o maná a comida reveladora da tutela divina. Nos preceitos desta aliança os israelitas tem a terra, que dá a colheita, o suficiente para comer (Lv 25,19; 26,3-5), e ajudar aos pobres (Lv 19,9s; 23,22; 25,2-22; Dt 24,19ss). Este clima que a comida proporciona, expressa a mais perfeita harmonia que se traduz também no abastecimento de comida.⁶⁶

A participação de diversas pessoas na mesma refeição era considerada como um importante sinal de comunhão e de mútua pertença (cf. Ex 18,12); mediante a refeição comum vinha expresso o perdão (Sm 9,7; 2Rs 25,27-30); a hospitalidade (Jz 19,20-21) e amizade (Gn 43,25-34). Nada como o comer e o beber juntos, pois ajudava a estender os ânimos, aprofundar o diálogo e fazer cair as barreiras que dividiam as pessoas entre elas.⁶⁷

5.2.1 — A articulação da refeição em Marcos

No evangelho a narração da multiplicação dos pães pode se

61. Cf. BELO, *Lecture* pp. 314-315.

62. Cf. THEISSEN, *Sociologia* pp. 27-28.

63. Cf. PERROT, *Jesus y la História* (Madrid: Cristiandad 1982) 141.

64. Cf. OTTOSSON, M., art. 'akal' in *Dicionário Teológico del Antigo Testamento* Tomo I (Madrid: cristiandad 1978) 225.

65. Cf. GERLEMAN, G., art. 'akal' in *Dicionário Teológico Manual del Antigo Testamento*, Ernst Jenni, Tomo I, (Madrid: cristiandad 1978) 225.

66. Cf. OTTOSSON, art. akal pp. 249-255.

67. Cf. SACCHI, art. *Cibo* p. 269.

chamar também a refeição dos pobres ou a refeição messiânica (Mc 6,34). Trata-se do saciamento dos pobres que tem fome, em continuidade com os prodígios do AT: o maná do deserto (Ex 16,4-35) a multiplicação do óleo da viúva por Elias (1Rs 17,8), os pães para Eliseu (2Rs 4,42-44).⁶⁸

Ao início da narração, Marcos aplica ao Cristo a imagem do pastor, que tem piedade da multidão (Mc 6,34) benevolência e misericórdia. Marcos refere-se às duas narrações da multiplicação dos pães (Mc 6,34-44; 8,1-10). Uma primeira coisa chama a atenção: Jesus toma a iniciativa. Ele age como Mestre de mesa. Três elementos se destacam: a comunidade de mesa, o caráter religioso da refeição, o valor do sinal ou do sacramento do episódio.⁶⁹

O acontecimento se apresenta em primeiro lugar como uma refeição do anoitecer, um jantar e uma refeição de pobre. Jesus não cria o pão. Como em maná, Ele utiliza o que existe. Ele se insere numa economia, que não é estável, mas que Ele renova nos princípios da partilha, do serviço e da fraternidade.⁷⁰

Jesus estabelece a comunidade com os apóstolos e a multidão,

que o escuta e o segue. Ele os acolhe e os nutre. Vela sobre o homem todo e concreto: suas necessidades materiais e espirituais. Com isso, ele conduz ao coração a ternura de seu pai, que se manifesta nas coisas mais cotidianas.⁷¹

A interpretação espiritual da refeição encontra seu apoio em Marcos, onde Jesus afirma misteriosamente seu valor de sinal (Mc 8,2). Os tempos escatológicos eram anunciados como uma saciedade (Mc 2,19). A abundância miraculosa, sublinhada por Marcos (Mc 6,42; 8,4-8) é um episódio da refeição messiânica na apocalíptica judia. A presença das mulheres e das crianças, que habitualmente não participam no culto, demonstra que a mesa do Messias é aberta a todos.⁷²

O grupo dos Doze com Jesus que se coloca na mesa e se recosta à mesa, aponta para uma prática dentro dos moldes da velha lei de Israel, isto é, uma prática de partilha. Como diz Ebert Losck,⁷³ a prática de Jesus propõe uma economia participativa-distributiva como expressão do Reino de Deus, prática que rompe com o sistema "tributário-monetário" imposto pelo Império Romano. Portanto, esta

prática gera um relacionamento que é típico da mesa,⁷⁴ de profunda intimidade e comunhão com os que não tem uma mesa abundante. Prática que não gera o conflito de classes, pelo contrário, orienta e conduz para uma prática de serviço, partilha e fraternidade, evitando assim a existência de conflitos entre ricos e pobres.⁷⁵

A proposta da mesa, não visa a exploração, mas implica na ajuda aos pobres, levando aqueles que trabalham e que tem uma mesa abundante, a estendê-la, a repartir com o que tem necessidade. Aquele que está saciado deve ajudar a saciar aos que não estão. Portanto, a prática da mesa é a defesa da vida dos pobres. Assim, também é em torno da mesa, isto é, aquele que recebe como dom a abundância em sua mesa, e em sua casa, deve dar e compartilhar a mesa, e a casa com aquele que está privado de abundância.⁷⁶

5.3 — O Filho do Homem

Como já dissemos, a traição de Judas foi um dos motivos que levou Jesus à morte. Este acontecimento era como uma maldição que sobrevivia no lugar da bênção. Por isso houve a necessidade de uma elaboração teológica capaz de solucionar este impasse o

qual culminava no retrocesso da prática de Jesus. Marcos inicia este trabalho já na primeira parte do evangelho, especificamente no capítulo 8,31-32a usando um recurso, bem conhecido, de predestinação onde afirma: "*o Filho do Homem deve sofrer muito... e ser morto*" e também o resultado: "*e se elevará três dias depois*".⁷⁷

Em nossa perícopes do anúncio da traição de Judas a mesma necessidade se impõe, onde Marcos junta de novo a narrativa da traição como pré-destinação: "*Certo, o Filho do Homem vai segundo que está escrito dele*" (Mc 14,21). Está escrito: "*Eu abaterei o pastor e as ovelhas serão dispersas*" (Mc 14, 27-28): "*e vós estais vindo me pegar com as espadas e os bastões, mas é para que se cumpra as escrituras*" (Mc 14,46-49). Ainda no mesmo contexto existe outra pré-destinação que é a de Judas,⁷⁸ porém o papel de Judas, não foi menos pré-escrito: *como está escrito sobre o Filho do Homem que ele sofrerá muito e será desprezado* (Mc 9,9b-13).

Tudo isto nada mais é do que o plano de Deus sobre "Seu Messias", onde a morte vem de repente segundo o plano pré-estabelecido.⁷⁹ Logo, não é mais um retro-

68. Cf. HAMMAN, A., *Vie Liturgique et Vie sociale* (Paris: Declée & Cie 1968) 43-44.

69. Cf. HAMMAN, *Vie Liturgique* p. 44.

70. Cf. HAMMAN, *Vie Liturgique* p. 44.

71. Cf. HAMMAN, *Vie Liturgique* p. 45.

72. Cf. HAMMAN, *Vie Liturgique* pp. 45-46.

73. LOSCHK, Ebert, art. *La Economía des Reino*, Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana, fac. 2 (Costa Rica: Passos 1987) 149.

74. Cf. MATEOS, *Los "Doce"* p. 243.

75. Cf. BELO, *Uma Leitura* pp. 26-30.

76. Cf. BELO, *Uma Leitura* pp. 26-30.

77. Cf. BELO, *Lecture* pp. 282-283.315-316.

78. Cf. BELO, *Lecture* p. 282.

cesso ou uma desolação, nem tampouco deve ser lido enquanto tal, mas enquanto plano que se move no nível da predição da paixão, a qual tinha *bar'enascha* (Filho do Homem) como forma original.⁸⁰

O título do Filho do Homem em Mc 14,21 semelhante a Mc 8,31; 9,31 e 10,33s, pode ser comparado a um *mashal*⁸¹ sobre o *bar'enascha*, o qual fazia parte do antigo núcleo das predições da paixão: "Deus entregará (logo) o Homem aos homens". Com isto não se pode excluir a profunda ligação que há entre os ditos de paixão e o filho do homem, ancorado em Is 52,13-53 (inclusive o v. 21 de nossa perícope)⁸² onde o Filho do homem é concebido como o "Servo de YHWH", sobretudo com relação ao sofrimento e morte expiatória,⁸³ pois trata-se dum sofrimento voluntário, suportado na paciência, querido por Deus e inocente. Nesta morte, a vida é concebida ao Servo porque a fonte desta vida é Deus, da qual podemos participar.⁸⁴

O Filho do Homem é uma expressão com a qual Jesus torna a chamar a atenção de seus interlocutores sobre a sua missão e o seu destino num contexto de tensão e conflito, que ao fim são superados através do apelo ou novo envio do intervento de Deus.⁸⁵

CONCLUSÃO

Estendendo nossa análise sobre o ponto de vista do contexto social, ou para além dos fatos individuais e peculiares que o texto nos apresenta, deparamos com um tipo de sociedade cuja base das relações, revela um conflito em todos os níveis, quer seja econômico, social e religioso (ideológico). Nesta perspectiva o anúncio não é apenas de Judas o traidor, mas de uma organização social incompatível com a sua prática.

Neste sentido, o anúncio é uma realidade situada no tempo e no espaço da Palestina na época de Jesus. É uma realidade social, cujo modo de produção tributário e

escravagista determina a maneira como o povo busca sua sobrevivência. Esta busca, não podemos negar, responde à mais profunda dimensão humana, pois fundamenta-se nos princípios de dignidade do homem, o qual chamamos de trabalho. É o povo que, com o fruto do seu trabalho, produz o necessário para a sobrevivência, desde a mais vital necessidade, a comida. Na medida em que se descobre que a comida está no meio do povo que a gera com o seu trabalho, descobre-se também que o trabalhador não fica com o fruto do seu trabalho. Ele é a mão-de-obra barata na mão dos opressores. É dentro desta sociedade que surge um movimento novo, de homens que um dia fizeram parte desta instituição judaica, renunciaram a tudo para seguir os ensinamentos do Mestre. Apesar dos velhos vícios impregnados pela sua instituição de origem como do poder, do ter, do comprar, aprender a servir e dar, e partilhar. O centro desta prática era o momento da refeição, pois ela resume todo o fundamento da prática de Jesus, do antigo sistema social de Israel, e a antecipação da esperança de viver em sintonia com o Deus da vida.

Entretanto, o sistema não permite que nenhuma espécie de movimento cresça fora dos padrões estabelecidos. A partir daí, instaura-se o perigoso conflito culminado na traição, prisão e morte de Jesus. Com isso, não podemos negar que tais atitudes sejam meramente pessoais, mas atitudes de classe, isto é, de pessoas que representam um substrato social, que possuem po-

der e consciência lutando para conseguir e garantir o seu status. É Judas que novamente é atraído por esse poder e não apenas trai Jesus e seus companheiros, mas sobretudo impede que a sociedade possa se estruturar de uma outra forma e com um outro espírito.

Entretanto, entendendo o anúncio da traição no contexto da paixão, podemos sublinhar, no texto, outras categorias como a refeição e o Filho do homem, que nos fazem pensar na superação do conflito, pois a cada refeição o Cristo continua vivo e o Filho do Homem "ninguém mata", como dizem as escrituras, Ele faz parte do plano salvífico de Deus. Apesar das intenções destrutivas e das autoridades político-religiosas, em cujas mãos Judas é um juguete, a traição e morte de Jesus vem revelar o imenso amor do Pai cuja "vontade" e determinação de salvar os homens não se bloqueia nem mesmo frente à lúcida rejeição e agressão dos poderes constituídos. A vontade do Pai que é o prevalecer da vida plena, "farta" para todos, consegue derrotar a própria traição e morte vencendo as intenções dos poderes constituídos pela ressurreição.

O Autor:

- Mestre em Teologia Bíblica
 - Professor da Faculdade N. S. Assunção, de História de Israel, Hermenêutica, Grego e Hebraico.
 - Trabalho pastoral na Região Episcopal Lapa.
- Endereço: Av. Nazaré. 993
CEP 04263-100
Ipiranga SP

79. Cf. BELO, *Lecture* pp. 315-316.

80. Cf. JEREMIAS, *Teologia* p. 426. "Atingimos, assim, uma forma original da predição da paixão, a qual consistia na proposição: *mitmesar bar'enascha lide bene enasha*".

81. Cf. JEREMIAS, *Teologia* p. 426. "Deus entregará (logo) o homem (singular) aos homens (plural)". Trata-se de um *maschal*, uma palavra enigmática." Cf. Também p. 264: "Entendendo-se como título, então a sentença falava da entrega do Filho do Homem. Temos aí, portanto, um dito enigmático apocalíptico. Este *maschal* sobre o *bar'enascha* pode comparar-se com outros *meshalim* semelhantes, como: "O homem vai-se" (Lc 22,22: *ho... tou anthróppou... poreúetai*), "o homem vai" (Mc 14,21 par.: *ho... hyiis tou anthróppou hypágei*), "o homem deve ser entregue a homens pecadores" (24,7)".

82. Cf. TAYLOR, *Evangelio* p. 135. "In nuove casi (8,31; 9,9.12.31; 10,33.45; 14,21 (bis).41) se interpreta il título alla luce della profecia del Servo de Yahvé (Is 52,13-53)".

83. Cf. JEREMIAS, *Teologia* pp. 434-435.

84. Cf. JEREMIAS, Joaquim, *A Mensagem Central do Novo Testamento* (São Paulo: Paulinas, 1979) 65.

85. Cf. FABRIS, Rinaldo, art. *Gesù Cristo* in *Nuovo Diconário di Teologia Bíblica* (Milano: Pauline 1988) 617.